

Marcadas para sempre

Filme abre debate sobre mulheres que apanham dos maridos

Rose Esquenazi

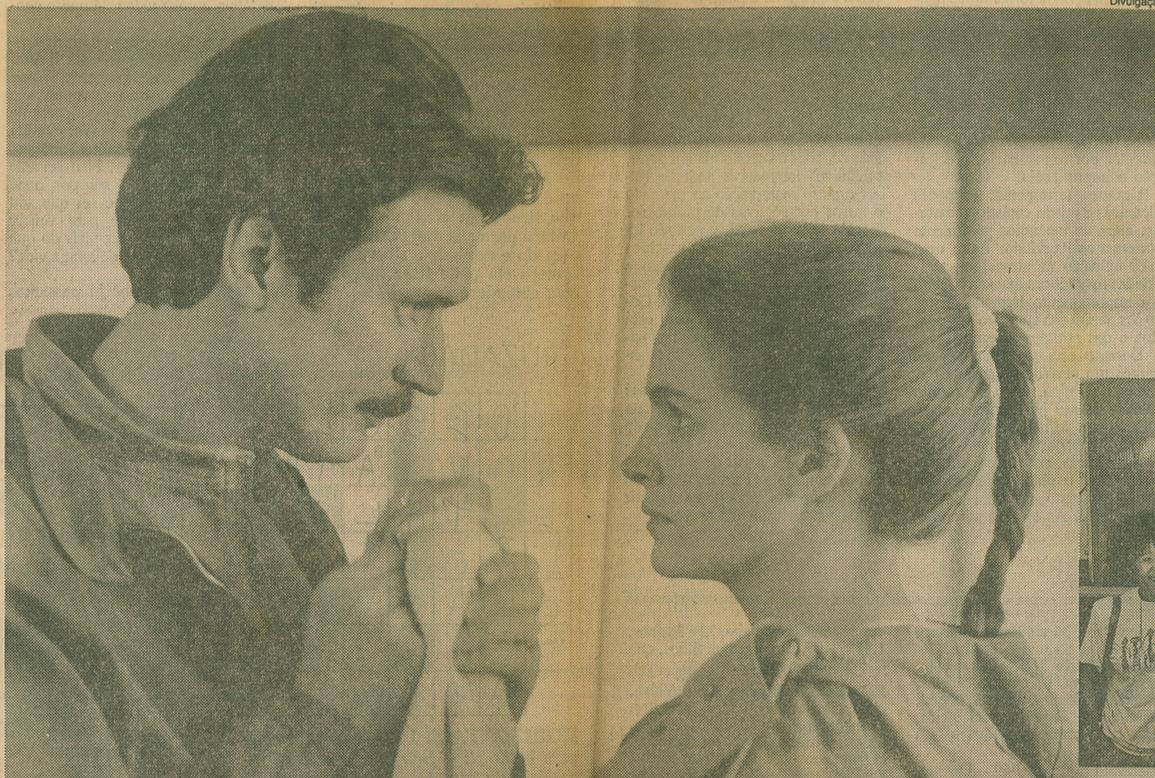
Está em cartaz em 11 cinemas cariocas o filme **Dormindo com o Inimigo** com a atriz Julia Roberts. Dessa vez, ela deixa para trás o conto de fada de **Uma Linda Mulher**, seu último sucesso, e entra no mundo real e barra pesada. Interpreta uma dona-de-casa rica, que mora num lugar maravilhoso, cercada de luxo por todos os lados e só com um probleminha: apanha do marido.

“Esse filme tem muito a ver com a nossa realidade, mas aqui é um pouco pior porque a mulher é violentada, mas não tem nenhum conforto e luxo”, analisa a delegada Maria dos Anjos de Souza Camardella, da Delegacia de Mulheres de Nova Iguaçu. Maria dos Anjos e sua assessora Maria das Graças Soares, assim como Lélia Gonzales, antropóloga e membro do Conselho Nacional de Mulheres, foram convidadas para assistir antes da estréia ao filme **Dormindo com o Inimigo**, dirigido por Joseph Ruben. E gostaram porque acham que ele levanta uma questão difícil e ainda muito atual.

Amo e senhor

“Essa violência acontece em todos os lugares, em todas as classes. O movimento de mulheres em Brasília fez uma pesquisa e descobriu que a violência física e psicológica é muito frequente entre os profissionais ditos liberais. A questão é de como a mulher é vista e ela ainda é considerada um ser inferior”, explica Lélia Gonzales. A professora de Antropologia na PUC afirma que a submissão vai de encontro às mulheres que, de alguma forma, não resolveram sua relação com a autoridade masculina. Pode se repetir com o pai, o padre, o professor, o marido. Por isso, aconselha: “Primeiro esse medo tem que ser liquidado internamente.”

Todos os dias, a delegada Maria dos Anjos Camardella atende de 30 a 40 casos de mulheres que sofrem problemas sociais e policiais, entre eles a agressão. “As brasileiras sofrem violências piores. Muitas vezes o marido não trabalha e a mulher é objeto de prazer, simples-



Em *Dormindo com o Inimigo*, a bela Julia Roberts é uma milionária que vive cercada de conforto, mas apanha do marido

Divulgação

O DIA
D
domingo

Rio de Janeiro, domingo,
28 de abril de 1991

Márcio Fimes



Lélia, Maria dos Anjos e Maria das Graças debatem a violência

o homem, aprende que o casamento é tudo e o marido é seu amo e senhor.”

O personagem interpretado por Julia Roberts tenta refazer a sua vida, mas a delegada não tem dúvidas: “As mulheres que sofrem agressões ficam marcadas por fora e por dentro. Perdem o amor por elas próprias e pelos filhos.” Certamente na Baixada Fluminense, com uma maior população carente os registros são mais numerosos. A situação se torna tão desesperante que, ao chegar à delegacia, “elas colocam a boca no trombone e contam tudo”, revela a delegada. Entre as mulheres das classes abastadas, o silêncio é maior. “Essas costumam ser compradas com viagens à Europa e brilhantes. Tenho uma amiga que viveu assim e não se separava porque achava que nunca encontraria outro homem que lhe desse tanto conforto”, lembra Ma-

PROMOÇÃO
Pega e leva
Para pagamento à vista só em dinheiro

SO ATE
30104191



GRUPO ESTOFADO EUROTILE
Em estrutura de pinus maciço
forrado em lindo tecido listrado.

17.990,



Oito portas com acabamento em padrão cerejeira.
Puxador esférico de madeira maciça de cerejeira.
Prateleira com calceiro.
Dobradiças em latão.
Cabideiro.

PREÇO de
LANÇAMENTO
DE: 59.000, POR:
27.990,

COLCHÃO DE ESPUMA

Pode se repetir com o pai, o padre, o professor, o marido. Por isso, aconselha: “Primeiro esse medo tem que ser liquidado internamente.”

Todos os dias, a delegada Maria dos Anjos Camardella atende de 30 a 40 casos de mulheres que sofrem problemas sociais e policiais, entre eles a agressão. “As brasileiras sofrem violências piores. Muitas vezes o marido não trabalha e a mulher é objeto de prazer, simplesmente. Ela foi criada para satisfazer

registros que não mostram a situação se torna tão desesperante que, ao chegar à delegacia, “elas colocam a boca no trombone e contam tudo”, revela a delegada. Entre as mulheres das classes abastadas, o silêncio é maior. “Essas costumam ser compradas com viagens à Europa e brilhantes. Tenho uma amiga que viveu assim e não se separava porque achava que nunca encontraria outro homem que lhe desse tanto conforto”, lembra Maria dos Anjos.

Ricas ou pobres a dor é igual

“Ruim com o marido, pior sem ele.” “Tudo se resolve na cama.” “Em briga de homem e mulher ninguém mete a colher.” Esses ditados populares são repetidos nas delegacias, nas escolas, em casa. Com o surgimento da delegacia de mulheres – que contou com grande estímulo dos movimentos feministas –, essas frases-feitas são evitadas, mas ainda há um longo caminho a percorrer. A delegada Maria dos Anjos sonha com um abrigo, que já existe em outros países, para acolher a mulher que esteja sofrendo agressões e queira se reequilibrar na vida, sem o marido.

“Gostaria de dar também um atendimento psicológico e até profissionalizante a essas mulheres”, sonha Maria que tem apenas um carro velho para trabalhar e não pode ainda fazer diligências contra os maridos denunciados.

Iguais na dor

Lélia Gonzales avisa que nada vai mudar enquanto os homens continuarem detendo o poder e discriminando a mulher. “Temos um tipo de cultura em que os bens

capitais estão acima de qualquer coisa. Por isso algumas mulheres casadas se submetem, porque pensam que vão perder parte de um patrimônio. É claro que a mulher contribui para certas situações. A relação neurótica é de parte a parte, e aceita pelo sistema. Se o movimento de mulheres não partisse para as denúncias estaríamos no mesmo ponto até hoje”, informa a professora.

Nem Lélia nem Maria dos Anjos e sua assistente Maria das Graças concordam com o final do filme, que acharam exagerado. Dão força para que as mulheres se unam mais e se vejam como parceiras. “A melhor coisa é dar as mãos e procurar a **sororidade**, palavra nova que significa solidariedade da mulher, a crença de uma para a outra”, aponta Lélia Gonzales.

Lutar pelos direitos, mudar os hábitos, mesmo que seja difícil, é a sugestão da funcionária da Delegacia de Nova Iguaçu. Maria das Graças Soares que sabe que, às vezes, os próprios maridos são os estupradores de suas mulheres.

